

LAURA GUIMARÃES

AUTORA DOS LIVROS

“O 8º PORTAL - A PROFECIA” E “O GRITO DE KYRA”



O RETRATO DE JÚLIA

E SE FOSSE POSSÍVEL VIAJAR NO TEMPO ATRAVÉS DA ARTE!

O RETRATO
DE JÚLIA

FICHA TÉCNICA

Copyright © 2024 Laura Guimarães

ISBN: 9798337857763

Selo Editorial: Publicação Independente

Autora: Laura Guimarães

Revisão: Laura Guimarães

Composição Gráfica e Capa: Laura Guimarães

Fotografia da Autora: Filipe Marques

Email: lauraguimaraesbooks@gmail.com

Website: lauraguimaraes.com

Laura Guimarães

O RETRATO
DE JÚLIA

E SE FOSSE POSSÍVEL
VIAJAR NO TEMPO
ATRAVÉS DA ARTE!

PREFÁCIO

Júlia nasceu no Porto, filha de pai português e mãe italiana. Quando fez cinco anos os pais decidiram cortar relações com a família e foram viver para Londres. Anos mais tarde Júlia decide regressar ao Porto para estudar arte e quando termina o mestrado em escultura, é surpreendida por uma tia que desconhecia! Enquanto vai recebendo revelações sobre as suas famílias paterna e materna, Júlia descobre que herdou um dom que vai colocar a sua vida em perigo! Ela tem a capacidade de viajar no tempo através da arte!

CAPÍTULO I

A MISTERIOSA TIA DE JÚLIA

Júlia tinha dormido mal durante a noite e estava uma pilha de nervos quando o dia começou a nascer! Deitada na cama com o computador em cima do edredon, não conseguia tirar os olhos do ecrã. Hoje era divulgado o resultado da sua dissertação do mestrado em escultura e ela estava muito ansiosa. Sabia que tinha feito um bom trabalho na apresentação e estava muito confiante e segura nesse dia, mas não ia descansar enquanto a sua nota não fosse divulgada.

Maria, ao ver que Júlia não aparecia para tomar o pequeno-almoço, decide ir até ao quarto ver se ela está bem.

- Bom dia Júlia. Está tudo bem?

- Bom dia. Estou muito ansiosa! Hoje é o grande dia! - Responde Júlia com um sorriso nervoso.

- Ainda não saiu o resultado?

- Não, mas já não deve demorar.

Júlia volta a verificar o computador e de repente a sua respiração para! O resultado já estava publicado. Olhou várias vezes para a pauta para ter a certeza que não estava a sonhar. Podia respirar de alívio, o mestrado estava concluído. Júlia esboçou um enorme sorriso, soltou uma gargalha e começou a

dançar no quarto para celebrar a sua conquista!

- Acabei o mestrado Maria!

- Parabéns Júlia! - Diz Maria com um grande sorriso e com uma lágrima no canto do olho emocionada com a felicidade de Júlia.

- Obrigada! - Diz Júlia enquanto dá um abraço a Maria e começa a dançar com ela.

Júlia sente que lhe saiu um peso de cima. Este último ano tinha sido muito difícil e exigido muito dela. Estava exausta, física e psicologicamente, mas esta etapa da sua vida estava concluída.

- É melhor telefonares aos teus pais a dar a boa notícia.

- Vou fazê-lo agora em video chamada. - Diz Júlia pegando no telemóvel para ligar e fazendo um risinho de quem quer surpreendê-los.

- Bom dia filha! Já sabes o resultado do trabalho final? - Pergunta a mãe de Júlia.

- Sim, mãe! Tive 17! Acabei o mestrado. - Responde Júlia com entusiasmo na voz.

- Parabéns filha! Fizeste um ótimo trabalho! - Diz a mãe orgulhosa!

- Parabéns Júlia! - Diz o pai entusiasmado.

- Obrigada mãe! Obrigada pai!

- Quando voltas para casa? Quero fazer uma grande festa com os teus amigos.

- Ainda não sei mãe! Queria descansar uns dias antes de voltar. - Responde Júlia sabendo que a mãe não ia concordar.

- Mas aqui descansas melhor Júlia.

- Eu sei, mas tu sabes que tenho o quarto para arrumar e neste momento não me sinto com forças. - Diz Júlia tentando que a mãe entenda que está tão exausta que nem forças tem para fazer as malas.

- Fica mais uns dias e vem só quando te sentires com forças! - Diz o pai de Júlia.

- Obrigada pai! Não fiques triste mãe, são só uns dias! - Diz Júlia ao perceber que a mãe não tinha gostado que o pai a tivesse apoiado.

- Avisa então quando vieres para eu te ir buscar ao aeroporto. - Diz a mãe com voz de mal humorada.

- Eu aviso, até porque tens uma festa para organizar! - Diz Júlia tentando animar a mãe.

- Está bem, mas não te demores a voltar!

- Prometo que são só uns dias!

Percebendo que tinha criado alguma tensão entre os pais, Júlia decidiu prolongar um pouco mais a chamada e falou sobre alguns planos para o futuro, mas prometeu falar melhor com eles quando regressasse.

Quando desligou o telefone, Júlia deitou-se na cama pensativa. A olhar para o teto, começou a lembrar-se de como os pais a tinham tentado demover de estudar artes no Porto, pois para eles não fazia sentido que com Universidades tão boas em Londres, ela fosse estudar para outra cidade e para outro país. Agora, Júlia esboça um sorriso quando se lembra, mas na altura chorou muito em grandes discussões com os pais para conseguir fazer valer a sua vontade.

As memórias que Júlia tem da sua infância são um pouco vagas. Lembra-se de sentir falta de ter uma irmã, pois brincava muitas vezes sozinha, e de ter amas que ficavam com ela enquanto os pais estavam a trabalhar. Também se questionava porque não tinha avós, tios e primos para brincar e quando perguntava aos pais pela família, as respostas eram sempre muito vagas. A escola onde estudou foi sempre a mesma, mas nunca fez grandes amigos. Júlia acha que deve ter sido feliz, pois não se lembra de nenhum evento traumático.

Lembra-se de ser já adolescente, quando perguntou aos pais porque tinha nascido no Porto. A mãe de Júlia era italiana e o pai português e contaram-lhe que se conheceram no Porto, quando ambos trabalhavam na mesma empresa, o pai como arquiteto e a mãe como decoradora de interiores. Eles dizem, que foi amor à primeira vista e pouco depois já estavam a morar juntos em casa dos avós paternos. Júlia nasceu um ano depois e ficaram lá a morar até ela completar cinco anos. Nessa altura o pai recebeu uma proposta irrecusável para trabalhar como arquiteto numa empresa em Londres e os seus pais decidiram mudar-se para lá.

Júlia sempre teve vontade de conhecer a cidade onde tinha nascido e ao longo dos anos, pediu várias vezes aos pais que a trouxessem ao Porto, mas eles nunca satisfizeram a sua vontade.

Quando chegou a altura de se candidatar ao ensino superior, Júlia achou que era a altura perfeita para vir morar para o Porto e conhecer melhor a cidade. Tinha conseguido cumprir o seu sonho, mas o problema agora, era saber o que fazer depois do mestrado terminado. No início estava cheia de planos, mas agora nenhum deles parecia fazer sentido e Júlia temia estar sem rumo. Tinha-se apaixonado pelos azulejos portugueses e sentia uma enorme vontade de trabalhar no seu restauro, mas eram poucas as possibilidades de o fazer

Enquanto estava perdida nos seus pensamentos, Maria entra novamente no quarto de Júlia para a lembrar que tinha que comer.

- Desculpa Maria, esqueci-me do pequeno almoço! Vou já. - Diz Júlia dando um salto da cama.

Maria, é a dona da casa onde Júlia alugou um quarto quando veio para a faculdade e as duas criaram uma cumplicidade muito grande durante todos estes anos. Maria cuida de Júlia com todo o carinho e está sempre atenta a ver se ela come e descansa o suficiente.

Assim que Júlia se senta à mesa para comer, Maria aproxima-se de Júlia e entrega-lhe uma encomenda que tem na mão.

- É melhor veres primeiro isto que chegou para ti!

- Uma encomenda! De quem?

- Não sei. Não li de onde vinha.

Júlia fica a olhar para a caixa e lê o remetente.

- Vem de Marselha e diz Chiara Moretti! É da minha tia! - Diz Júlia surpreendida.

- É melhor abrires e veres o que tem!

- Sim, até porque estou curiosa em saber como é que ela me encontrou! Ela e a minha mãe não se falam há muitos anos e não tenho contato com ela!

Júlia abre a caixa e fica surpresa! Dentro tem um envelope e uma pequena caixa branca com um laço, que diz "*Chiara Moretti Haute Joaillerie*"!

- Vou ler primeiro a carta! - Diz Júlia.

Ao abrir o envelope Júlia, vê que a carta é manuscrita e está redigida em italiano. Estava um pouco esquecida do italiano que tinha aprendido na escola, mas ia tentar perceber o que a tia lhe

tinha escrito. Apesar de não conhecer a tia, Júlia está um pouco emocionada, por isso os seus olhos percorrem a carta várias vezes, para ter a certeza que entendeu tudo bem!

- A minha tia diz que a última vez que esteve comigo foi aqui no Porto em casa dos meus avós e que pouco tempo depois os meus pais mudaram-se para Londres e que nunca mais pode ver-me. Ela diz que apesar de ela e a minha mãe não se falarem, sempre se preocupou comigo e acompanhou a minha vida, pois queria ter a certeza que eu estava bem. - Diz Júlia.

- E que mais? - Pergunta Maria curiosa.

- Ela diz que tem pena que nos tenhamos afastado devido ao desentendimento dela com a minha mãe, mas que espera poder ver-me brevemente. Diz que sabe que eu terminei o meu mestrado e que me quer oferecer um presente para me dar sorte e proteger na minha vida profissional.

- Como é que ela sabe que eu terminei o mestrado se só hoje é que eu soube o resultado da dissertação!? - Pergunta Júlia surpreendida.

- Eu não sei Júlia, se calhar é só uma maneira de dizer... - Diz Maria um pouco atrapalhada e corando ligeiramente.

- Que estranho! Também não entendo como é que ela acompanhou a minha vida se está a viver em Marselha!

Júlia abre a pequena caixa branca e fica surpreendida ao ver um cordão em ouro com uma medalha esculpida com asas de anjo! Estava maravilhada com a beleza do colar!

- Já viste que lindo! - Diz Júlia mostrando o cordão a Maria.

Júlia coloca-o ao pescoço, agarra as asas com a mão direita e em pensamento agradece à tia.

- Diz também, que em breve o advogado dela me vai contactar e que tem mais um presente para mim, mas que só ele me vai dar informações sobre o que é.

- A tua tia falou num advogado... talvez seja ele que lhe dá informações sobre ti. - Sugere Maria.

- Talvez tenhas razão, mas gostava de falar com ela e saber quem foi!

- E se tomares agora o pequeno almoço e pensares nisso mais tarde? - Diz Maria desviando o olhar e tentando mudar de assunto.

- Tens razão.

Júlia come tudo o que encontra pela frente! Nos últimos dias estive tão nervosa que mal conseguia comer e até Maria está surpreendida com tanto apetite.

Quando termina o pequeno almoço, Júlia volta para o quarto e decide ficar todo o dia em casa a organizar os seus livros, os trabalhos e apontamentos da faculdade. Em breve vai voltar para Londres e não quer fazer as malas no último dia. Este último ano, sempre que ia a Londres nas férias escolares, já tinha levado alguns livros, roupas e trabalhos que tinha feito durante estes anos, mas mesmo assim, queria ver com calma o que queria guardar e o que não necessitava mais, o que podia doar ou então reciclar.

O quarto de Júlia é o maior da casa, por isso sempre teve espaço suficiente para poder guardar as suas coisas e com a permissão de Maria, decorou-o ao seu gosto! A sua cama está encostada a uma parede que esta repleta de desenhos de Júlia; junto à janela tem uma estante onde guarda alguns livros, tem expostas algumas peças que esculpiu e tem também incensos e velas que ela gosta de acender para se concentrar quando estuda; ao lado tem uma mesa estirador com uma cadeira, onde estão projetos e papeis que ainda não tinha arrumado; na parede em frente à cama tem um guarda vestidos e a porta de acesso à sua casa de banho privada. Esta tinha sido a “casa” de Júlia nos últimos anos e tudo o que a rodeava trazia-lhe boas memórias.

Ao fim da tarde, Júlia ainda não tinha arrumado tudo, mas já tinha conseguido organizar o que queria levar para Londres. Decidiu sentar-se no sofá da sala ao lado de Maria enquanto ela assistia à telenovela. Pouco depois a campainha de casa toca e Júlia e Maria ficam a olhar uma para outra a acharem que talvez seja o advogado. As duas levantam-se e dirigem-se para a entrada, mas quando Maria abre a porta são surpreendidas por Patrícia.

- Olá! Júlia, ainda não estás pronta? - Pergunta Patrícia toda empolgada.

- Pronta para quê? Não tínhamos combinado nada, pois não?

- Quis fazer-te uma surpresa e vim buscar-te para irmos ao jantar de despedida da turma. Parece que estás desiludida por me ver!

- É verdade! O nosso jantar! - Diz Júlia, colocando a mão na testa e olhando para o relógio de parede no corredor de entrada.

- Bem vinda à realidade! Despacha-te ou chegamos atrasadas.

- É melhor ir para o restaurante que eu vou já lá ter! - Diz Júlia tentando que Patrícia se vá embora.

- Eu espero por ti! Não quero chegar sozinha ao restaurante!

- Mas eu ainda vou demorar!

- Tudo bem, eu não me importo.

- Tu é que sabes! - Diz Júlia dirigindo-se para o quarto para trocar de roupa. Patrícia era sua colega de turma e namorada do seu melhor amigo, mas Júlia não simpatizava muito com ela e a última coisa que lhe apetecia naquele momento era ter que ir com ela ao jantar.

- Está tudo bem Maria? - Pergunta Patrícia ao ver que ela está muito séria e que não diz nada.

- Sim, está tudo bem!

Maria, sabendo que Patrícia lhe ia fazer mais perguntas, sai sorrateira e fecha-se na casa de banho. Patrícia fica na sala à espera que uma delas apareça, mas como não vem ninguém começa a caminhar pela casa coscuvilhando tudo.

- Já estou pronta! Vamos? - Pergunta Júlia aparecendo nas suas costas e surpreendendo Patrícia.

- Vocês as duas estão estranhas hoje! Vais contar-me o que está a acontecer? - Pergunta Patrícia muito atrapalhada ao ser apanhada a abrir as gavetas da sala.

- Não está a acontecer nada. É impressão tua! Vamos, senão chegamos atrasadas. - Diz Júlia empurrando ligeiramente Patrícia para a rua, enquanto pega na chave de casa que estava no móvel da entrada.

Patrícia fica a ferver por dentro! Sabe que Júlia e Maria lhe estão a esconder alguma coisa e tinha que descobrir o que era. Na caminhada para o restaurante não se cala a falar sobre o namorado e nos projetos que tem para o futuro dos dois. Patrícia tem muitos ciúmes da amizade de Júlia com João e está sempre desconfiada que eles guardam segredos que não lhe querem contar, por isso sempre que pode, demarca bem a Júlia que João é seu.

Quando chegam ao restaurante, Júlia fica aliviada, pois já não a podia ouvir. Felizmente os colegas da universidade estavam à porta e Júlia rapidamente começa a conversar com eles e afasta-se de Patrícia.

Os colegas de universidade, tinham decidido que assim que apresentassem as dissertações finais do mestrado, iam todos jantar para se despedirem. Tinha marcado num restaurante perto da Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto, já que se tinham reunido ali tantas vezes.

- Boa noite! Então parabéns a todos! - Diz o Sr. José aparecendo à porta com um grande sorriso.

- Obrigada! - Responderam em coro.

- A vossa mesa já está pronta. Querem entrar?

- Queremos!

- Então vai ser o costume? Umas entradinhas de presunto, chouriço e queijo?

- Sim, por favor Sr. José e não se esqueça das minhas azeitonas. - Diz Júlia sorridente.

Sentaram-se todos à mesa e em poucos minutos já tinham vinho e as entradas na mesa. O Sr. José foi trazendo mais comida e enchendo os copos com vinho tinto da casa, enquanto todos recordavam os anos de ensino superior que agora deixavam para trás. Entre risos e lágrimas, a animação não faltou na mesa e até o Sr. José se emocionou quando recordaram os jantares que lá fizeram. O restaurante do Sr. José existia há quase trinta anos, por isso já tinha visto muitos alunos a chegarem e a partirem, mas emocionava-se sempre com as despedidas. Depois de muitas fotografias e vídeos publicados nas redes sociais, e já um bocadinho tocados pelo excesso de vinho, a maioria decidiu regressar a casa.

Júlia e Patrícia, não tinham bebido muito, por isso decidiram prolongar a noite um pouco mais! Apesar de Patrícia não ser a melhor companhia, Júlia tinha prometido a João que ia vê-lo a atuar com a sua banda. Como estava uma noite agradável e o bar ficava a cerca de quinze minutos de distância a pé, decidiram caminhar um pouco.

- Já me vais contar o que aconteceu hoje e porque é que tu e a Maria estavam tão misteriosas? - Pergunta Patrícia, apanhando

Júlia desprevenida.

- Já te disse que não aconteceu nada! Não sei porque insistes que estamos misteriosas. - Responde Júlia ligeiramente irritada. Patrícia era muito atenta e deve ter percebido a desilusão de Júlia e Maria ao verem que era ela quem tinha aparecido à porta em vez do advogado. Só que não queria revelar que tinha recebido uma carta da sua tia e Patrícia não era com certeza a pessoa a quem queria contar o que tinha acontecido.

- Tu é que sabes! - Diz Patrícia amuada por Júlia lhe estar a mentir e não partilhar com ela o que estava a acontecer.

Fizeram o resto do caminho até ao bar em silêncio e quando chegaram à porta, Júlia decide que é melhor voltar para casa! Conhece Patrícia e sabe que ela vai ficar amuada a noite toda, o que não vai deixar João feliz.

- Patrícia, acho melhor ir para casa. Amanhã falamos melhor.

- Amanhã não posso. - Responde Patrícia muito seca.

- Tudo bem, outro dia então. - Responde Júlia virando as costas e tomando a direção de casa.

Júlia só a suportava porque era namorada do João. Tinha pena que ela não fosse um pouco mais respeitadora da sua privacidade, pois desde que se conheciam estava sempre a tentar saber tudo sobre a sua vida e reagia sempre assim quando Júlia não lhe contava tudo. Já sabia que Patrícia ia ficar amuada por uns dias, depois ia aparecer como se nada tivesse acontecido e como se fossem as melhores amigas.

Quando Júlia mete a chave na porta de casa, Maria está à sua espera.

- Então Júlia, correu bem o jantar?

- Sim! Vou ter saudades dos nossos convívios! - Diz Júlia travando a voz para não chorar.

- Vão ter outras oportunidades para se reunirem! - Diz Maria tentando consolar Júlia.

- Talvez! - Diz Júlia cabisbaixa enquanto se senta no sofá ao lado de Maria.

- Alguma novidade do advogado?

- Não Maria! Silêncio total.

- É melhor ires descansar então.

- Sim, eu vou! Dorme bem Maria! - Diz Júlia dando-lhe um

beijo na testa.

Maria tinha o cabelo todo branco e o rosto marcado por algumas rugas que expressavam bem uma vida de trabalho. Tinha ficado viúva há alguns anos e como não tinha filhos, decidiu alugar um quarto a estudantes, não só para ganhar um dinheiro extra, como também para não se sentir tão só. Júlia gostava muito dela, pois Maria sempre a tratou com muito carinho e cuidava dela como se fosse uma filha. Quando que lhe vinha à mente que ia deixar o quarto daqui a uns dias, já sentia um aperto no coração.

Ao abrir a porta do quarto, Júlia vê a carta da tia pousada em cima da mesa e tem o impulso de pegar nela e lê-la outra vez, mas decide não o fazer. Já tinha lido e relido a carta e só lhe restava esperar para ver o que acontecia. Tinha colocado a possibilidade de telefonar aos pais a contar o sucedido, mas tinha chegado à conclusão que era melhor não revelar nada, pelo menos para já.

Antes de se deitar, Júlia decide tomar um banho para dormir melhor, mas deita-se na cama e não consegue adormecer. Só pensa na tia e que ela tinha dito na carta que a última vez que a viu foi no Porto. Decide recorrer às suas memórias do passado e ver se alguma coisa vinha à sua mente, mas as poucas memórias de infância que tinha do Porto, levavam-na para a casa dos avós que entretanto tinham falecido. Júlia não tinha quase memórias desse tempo, por isso achava que a partida e a adaptação a Londres tinham sido fáceis. Só alguns anos mais tarde soube que a mãe tinha uma irmã, ao escutar sem querer uma conversa entre os pais. Na altura, perguntou ao pai porque nunca tinha conhecido a tia, mas ele disse que havia segredos de família que não podia revelar. Júlia ainda insistiu, mas o pai disse que a mãe e a tia não se falavam há vários anos e ela nunca mais perguntou pela tia.

Naquele momento pensou em pegar no telemóvel e procurar na internet pelo nome Chiara Moretti, na tentativa de saber mais sobre a tia, mas só com esta informação ia ser difícil. O nome "*Chiara Moretti Haute Joaillerie*" que estava na caixa que guardava o cordão com as asas de anjo, veio à mente de Júlia! Devia ser uma marca pessoal e talvez Chiara fosse designer de joias! Talvez a tia lhe tivesse enviado o nome na caixa propositadamente para que ela tentasse saber mais sobre si.

Escreveu o nome na busca e apareceram logo fotografias de

Chiara! Júlia ficou surpreendida com as semelhanças físicas que tinham uma com a outra e não teve dúvidas que ela só podia ser sua tia. Viu que a tia aparecia em eventos de moda e que a sua marca era muito conceituada e tinha até recebido prémios por algumas das joias que tinha criado.

- Acho que vou gostar de a conhecer! - Diz Júlia sorrindo.

Ao mesmo tempo, no seu telemóvel, recebe um alerta de mensagem de João.

Olá Júlia! A Patrícia disse-me que não te estavas a sentir muito bem e que tinhas ido para casa. Espero que estejas melhor e já sabes, se precisares de mim liga-me. Amanhã passo em tua casa para te ver. Beijo

- Esta Patrícia não muda mesmo!

Júlia respira fundo e decide que não se vai incomodar com Patrícia, pois já tinha perdido muito tempo a tentar que ela mudasse e tinha sido tudo em vão. De qualquer maneira, Júlia responde à mensagem de João, pois não queria que ele ficasse preocupado com ela.

Olá João! Está tudo bem. Espero por ti amanhã. Beijo.

Assim que envia a mensagem começa a bocejar e puxa o edredon para se cobrir. O sono estava a chegar e não queria perder a oportunidade de dormir umas boas horas nessa noite.

Júlia estava tão exausta, que quando acordou já próximo da hora do almoço e viu as horas, esboçou um sorriso por finalmente ter conseguido descansar. Num impulso, decide telefonar ao pai a perguntar onde era a casa dos avós paternos. Estranhamente, nestes anos todos que viveu no Porto, nunca se lembrou de ir procurar a casa e nem o pai lhe falou nessa possibilidade. Queria ir ver a casa e tentar descobrir se na rua alguém se lembrava da tia.

- Mas Júlia, o que te deu agora para queres ir ver a casa dos avós? - Pergunta o pai estranhando a curiosidade da filha.

- Gostava de saber como é a casa onde nasci e onde vivi até irmos para Londres. - Diz Júlia sem querer revelar o verdadeiro

motivo da sua curiosidade.

- Eu e o meu irmão vendemos a casa a uma senhora que vive lá sozinha. Acho que se lhe disseres que és minha filha que ela te vai deixar entrar.

- Obrigada pai! - Diz Júlia feliz.

Júlia escreve a morada num papel, veste-se apressadamente e coloca o cordão que a tia lhe ofereceu ao pescoço. A seguir foi avisar Maria que ia sair, mas pede-lhe que se por acaso o advogado aparecer, lhe telefone que ela vem para casa imediatamente.

- Não saias sem comer Júlia! Leva pelo menos fruta para comeres pelo caminho.

- Sim, tens razão. - Diz Júlia enquanto se dirige para a cozinha e pega numa maçã.

Sai de casa e como não quer perder tempo, chama um táxi e dá-lhe a indicação da morada. A casa dos avós fica numa rua estreita na Foz Velha do Porto e Júlia fica surpreendida ao ver que exteriormente foi restaurada com traços de arquitetura recente! A medo toca à campainha, mas ninguém vem à porta. Decide perguntar às pessoas que passam na rua, se vive alguém naquela na casa. Vê um velhinho vestido todo de branco a aproximar-se e acha que é a pessoa perfeita para perguntar, já que pela sua idade deve conhecer todos os que vivem na rua. O homem caminha com a ajuda de uma bengala e assim que Júlia o aborda ele tira o chapéu branco da cabeça e cumprimenta-a.

- Boa tarde menina! Precisa de ajuda?

- Boa tarde! O senhor sabe-me dizer se vive alguém nesta casa?

- A menina é da família? - Pergunta o homem sorrindo.

- Agora não, mas os meus avós já moraram aqui. - Responde Júlia um pouco atrapalhada.

- Então és neta dos Castro?

- Sim sou! - Responde Júlia surpreendida, mas ao mesmo tempo feliz, porque talvez tenha encontrado a pessoa certa para lhe dar informações.

- Eu lembro-me bem do teu avô Raul e da tua avó Cecília!

- O senhor conheceu-os bem?

- Muito bem. Eu e o teu avô Raul às vezes pescávamos

juntos na beira do rio.

- Eu não me lembro muito bem dos meus avós. Era pequena quando eles faleceram.

- Uma tragédia! Eram tão novos os dois! - Diz o homem lembrando-se que os avós de Júlia tinham falecido num acidente de automóvel, pouco depois de ela e os pais terem ido para Londres.

- O meu pai diz que sente muito a falta deles. - Diz Júlia.

- O teu pai é o Lourenço? - Pergunta o homem curioso e com um ar mais sério.

- Sim, é ele. - Responde Júlia surpreendida por o homem saber o nome do pai.

- Eu vi logo que eras filha dele! Eu lembro-me de ti quando eras pequenina!

- Lembra-se do tempo em que eu vivia aqui?

- Claro que sim! Os teus avós adoravam-te e sofreram muito quando os teus pais te levaram para Londres!

- Não sabia!

- És igualzinha à tua tia Chiara! O mesmo sorriso, o mesmo olhar vivo e curioso, a mesma determinação! - Diz ele sorridente.

- O senhor conheceu a minha tia? - Pergunta Júlia surpreendida e ansiosa por saber que mais ele lhe poderia contar.

- Muito bem! A tua tia veio visitar-te algumas vezes e sempre que cá vinha era uma festa! Ela era muito animada, vinha para a rua conversar connosco e até aprendeu a falar umas palavras de português! - Diz o homem soltando uma gargalhada.

- Não sabia que ela era assim e que ela me visitava! - Diz Júlia surpreendida e esboçando um sorriso.

- Não conheces a tua tia?

- Infelizmente a minha mãe e a minha tia deixaram de falar uma com a outra há muitos anos, por isso não me lembro dela! - Responde Júlia cabisbaixa.

- Acho que não posso dizer que estou surpreendido! A Chiara é uma mulher muito livre e sem amarras, ao contrário da Miriam que é uma pessoa muito reservada e conservadora!

- Acha que me pode falar mais sobre a minha tia? - Pergunta Júlia sorrindo.

- Bem, se me pagares um café, acho que temos muito para

conversar. - Responde o homem a sorrir.

- Claro que pago! Mas primeiro tem que me dizer o seu nome porque eu não tomo café com estranhos! - Diz Júlia, dando uma gargalhada.

- O meu nome é António, mas todos me tratam por Toni, muito prazer! - Diz ele sorrindo e estendendo o braço para dar um aperto de mão a Júlia.

Os dois sentam-se numa esplanada que fica a cem metros da casa e durante duas horas, o homem não para de contar a Júlia histórias dos avós, do seu pai e do tio, e até de alguns vizinhos e amigos da época em que lá viveram. Júlia fica a saber mais sobre a sua família naquela tarde do que em todos os seus anos de vida.

Toni conta-lhe as aventuras do avô no início de casado, quando ia de barco rio Douro acima, para comprar mercadorias aos produtores! Ele comprava azeite e azeitonas, vinho, queijo, enchidos, frutas e compota, que depois trazia para a avó de Júlia vender na mercearia que tinham. Segundo Toni, a avó era uma excelente vendedora, mas o avô não tinha muito jeito para o negócio e às vezes trazia mercadoria a mais ou negociava mal os preços, com pena dos produtores que viviam com dificuldades financeiras. Quando ele chegava com o barco carregado, a avó de Júlia reclamava com ele por causa disso, mas o avô sorria sempre e dizia para ela subir um bocadinho aos preços. A avó é que tomava conta dos dinheiros que ganhavam e foi assim que conseguiram poupar para comprar a casa e mais tarde uma carrinha de transporte de mercadorias. Toni diz que eram muito diferentes um do outro, mas o amor deles estava escrito nos céus e eram poucos os casais que ele conhecia que se amavam tanto. Quando olhavam um para o outro, era visível aos olhos de todos, o amor e o respeito que sentiam um pelo outro.

- E a minha tia Chiara, como é que a conheceu?

- A tua tia era uma mulher muito livre e sem amarras! Ela sempre fez o lhe dava na cabeça e não se preocupava com o que os outros pensavam. Era sempre uma alegria quando ela vinha ao Porto, porque ela conversava com toda a gente na rua, ria, dançava, cantava, era sempre uma animação. - Diz Toni a sorrir.

- Já estou a ver que ela é muito diferente da minha mãe!

- São o oposto uma da outra, nem parecem irmãs! - Diz Toni

um pouco mais sério.

- Sabe se a minha mãe sempre foi assim?

- O problema da tua mãe está no brilho e na força de vida da tua tia! A tua mãe queria ser assim, mas nunca conseguiu porque não faz parte da natureza dela e em vez de aceitar isso, decidiu combater e fazer frente à tua tia! Elas quase não se falavam e por isso não me surpreende que estejam sem falar há tantos anos.

- Mas sabe o que aconteceu para elas deixarem de falar uma com a outra? - Pergunta Júlia para tentar entender o motivo.

- Sei Júlia, mas não te posso contar! Tem um pouco de paciência e no tempo certo vais saber tudo o que aconteceu.

- Deve ter sido algo muito grave porque ninguém me quer dizer o que aconteceu! - Diz Júlia um pouco irritada.

- Sabes Júlia, na vida tudo tem o seu tempo! Não tentes apressar o saberes uma verdade para a qual ainda não estás preparada! Quando chegar a hora certa vais saber e vais entender porque ninguém te quis contar. - Diz Toni colocando uma mão em cima da mão direita de Júlia para a acalmar.

- E se eu não o vir mais, quem é que me vai contar tudo?

- Eu vou estar sempre por perto e vou aparecer quando menos esperares! - Diz Toni dando outra das suas gargalhadas.

- Obrigada por me contar tantas histórias sobre a minha família.

- Também queres saber da senhora que vive na casa não é?

- Sim! Eu queria ver a casa por dentro e o meu pai disse-me para pedir à senhora que vive cá se ela me autoriza.

- Vais perder o teu tempo menina. A senhora já faleceu! - Diz Toni olhando fixamente para Júlia e analisando a sua reação.

- O quê! Porque não me disse isso antes? - Pergunta Júlia ligeiramente irritada com ele e quase a levantar-se da cadeira.

- Espera menina, não te levantes! Eu vou contar-te tudo! - Diz ele tentando acalmar Júlia.

- Eu confiei em si! - Diz Júlia com um olhar de decepção.

- E podes continuar a confiar! Pouco tempo depois da senhora comprar a casa à tua família, a Chiara apareceu aqui e fez-lhe uma proposta de compra por um valor muito superior ao que ela tinha pago e ela aceitou.

- Quer dizer que a casa agora pertence à minha tia!? -

Pergunta Júlia surpreendida.

- Sim, a casa é dela! A tua tia, ao contrário do teu pai que nunca mais o vi, de vez em quando aparece aqui e fica por uns dias! Vem conversar connosco e contar-nos como vai a vida dela.

- Mas porque é que ela a comprou? - Pergunta Júlia sem entender a motivação da tia.

- Ela ficou furiosa quando soube que a casa tinha sido vendida! Ela disse que ia comprar a casa para te oferecer quando fosse o momento certo!

- A mim, mas porquê? Eu nem me lembro bem da casa e só cheguei aqui porque o meu pai me deu a morada! - Pergunta Júlia cada vez mais confusa.

- Porque a Chiara diz, que apesar de todos termos nascido para ser livres, um dia todos vamos em busca das nossas raízes e ela quer que tu saibas onde estão as tuas! - Responde Toni sorrindo.

- Tal como está a acontecer agora! Eu à procura de saber mais sobre a minha família. - Diz Júlia mais calma.

- Sim, como agora! Eu tenho as chaves comigo porque sou eu que cuido do jardim, queres ir ver a casa? - Pergunta Toni enquanto tira as chaves do bolso das calças e as entrega a Júlia.

- Posso ir? - Pergunta Júlia enquanto estende a mão para aceitar as chaves.

- Claro que sim! A casa é tua!

- Obrigada! Volto já!

Júlia caminha nervosa em direção à casa dos avós e sente as pernas a falhar. Decide parar e respirar fundo para se acalmar e ganhar força para continuar. Quando chega ao portão da casa, mete a chave maior na fechadura e ao fazê-lo, uma emoção forte toma conta dela e as lágrimas veem-lhe aos olhos. Instintivamente leva a mão direita ao colar que a tia lhe ofereceu e pede às asas de anjo que a ajudem.

Quando abre o portão, fica surpreendida ao ver a beleza do jardim que existe à frente da casa e como está tudo tão bem cuidado. Do lado direito tinha árvores de fruto, laranjeiras, pessegueiros carregado de pêssegos e um limoeiro; num canteiro cuidadosamente cercado viam-se morangueiros. Do lado esquerdo estavam as plantas e flores, roseiras, buganvílias e hortênsias.

Júlia está impressionada com a beleza do jardim e começa a percorrer o caminho empedrado que o atravessa e a leva à porta de casa. Aos poucos começa também a observar a casa e cada janela para ver se alguma se encontra aberta, mas estão todas fechadas. A casa tem dois pisos e está toda pintada em tons de areia, as portadas das janelas são cinzentas e o telhado é coberto por telhas de ardósia. Júlia pensa que aquelas não seriam de certeza as cores originais da casa, mas gostou da renovação que a tia fez e acha que ela se inspirou nas areias e rochas das praias da Foz.

Já se sente mais calma, mas ao tentar meter a chave na porta de casa, a sua mão não para de tremer. Com a ajuda da mão esquerda, segura na mão direita e consegue finalmente colocar a chave na fechadura e abrir a porta. Estava tudo à escuras, por isso Júlia procura um interruptor e assim que acende a luz vê um corredor que leva a várias divisões da casa. A medo começa a dar pequenos passos e vê que à sua esquerda está uma enorme porta de correr que dá acesso à sala. Júlia procura o interruptor e quando acende a luz, vê que os móveis são muito antigos e a decoração também, mas que está tudo muito bem conservado. A tia tinha modificado o exterior da casa, mas o interior parecia tê-lo deixado intacto tal como no tempo dos avós.

Júlia começa a ganhar confiança e decide percorrer toda a casa. No piso de baixo estão a sala, a cozinha, o escritório e uma casa de banho. O piso de cima tem quatro quartos e uma casa de banho. Júlia vai abrindo portas e janelas, numa tentativa de se lembrar de algo importante do seu passado e aos poucos pequenas lembranças da sua infância veem à sua mente, mas nada que ela considere verdadeiramente importante. Quando entra no último quarto, vê uma fotografia de um casal que ela pensa serem os seus avós paternos. Em Londres o pai não tinha nenhuma fotografia visível por isso ela não tem bem a certeza como eles seriam fisicamente, mas o homem da fotografia e o seu pai têm muitas semelhanças.

De repente olha para o relógio e vê que já está ali há quase uma hora! Decide voltar para junto de Toni para lhe devolver as chaves e falar um pouco mais com ele. Antes de sair da casa e fechar a porta, olha uma última vez para o exterior para se

certificar que fechou todas as janelas e dirige-se para a esplanada. Quando lá chega, não vê Toni na mesa onde estavam e vai perguntar ao empregado que os tinha servido se o tinha visto.

- Desculpe, sabe para onde foi o senhor que estava sentado comigo naquela mesa?

- Que senhor? A menina esteve ali sozinha!

- Não, deve estar a fazer confusão! Era um senhor já velhinho e que tinha uma bengala. Ele chama-se Toni e mora aqui perto. - Diz Júlia tentando dar mais pormenores para que o empregado a possa ajudar.

- Menina, desculpe mas eu não vi ninguém consigo! Eu vou perguntar aos meus colegas se o viram.

Júlia vê o empregado a perguntar aos outros funcionários e todos olham para ela e riem-se. Júlia começa a sentir-se desconfortável com os olhares sobre ela, mas decide esperar que o empregado volte para lhe dizer onde está Toni.

- É menina, os meus colegas garantiram-me que não estava um homem consigo e dizem que não conhecem o Sr. Toni. - Diz o empregado a rir e com ar de gozo.

Júlia cora de vergonha e ao mesmo tempo de raiva porque acha que estão a gozar com ela. Decide caminhar pelas ruas mais próximas para ver se encontra Toni, mas nada. Ainda pergunta a umas pessoas na rua se o viram ou se o conhecem, mas ninguém viu ou conhece aquele homem. Lembra-se que Toni lhe disse que às vezes pescava com o seu avô, por isso decide caminhar junto ao rio e perguntar aos pescadores se o tinham visto. A resposta foi sempre negativa e para sua surpresa ninguém sabia quem ele era. Começa a duvidar se tinha estado realmente com ele ou se tinha tido uma alucinação, mas as chaves da casa continuavam no seu bolso, por isso alguém lhas tinha dado!

À sua mente veio a tia e questionava-se quais seriam as intenções dela. Se a mãe e ela não se falavam há tantos anos, o que teria acontecido entre as duas e quais seriam os motivos que a fariam querer aparecer agora na sua vida? Enquanto vários motivos passam pela sua cabeça, Júlia caminha na marginal e observa as cores a mudarem no céu e o seu reflexo nas águas do rio Douro. A certa altura apercebe-se que está novamente à porta de casa dos avós e decide entrar de novo, pois talvez lhe tenha

escapado algo importante que a ajude a encontrar respostas. Quando coloca a chave na fechadura do portão, surge um homem de fato e gravata, com uma pasta na mão, que se dirige a ela olhando-a fixamente.

- Boa tarde Júlia!

- Quem é o senhor e como sabe o meu nome!? - Pergunta Júlia surpresa com a certeza que o homem revelou em relação à sua identidade.

- O meu nome é Henrique Fidalgo e sou advogado da sua tia Chiara Moretti. - Responde ele entregando-lhe um cartão de visita do escritório de advogados.

- Como é que sabia que eu estava aqui?

- O empregado da esplanada telefonou-me a avisar que andava uma menina a rondar a casa da senhorita Chiara. - Responde o advogado.

- Está a brincar comigo! Vocês querem dar comigo em doida? - Pergunta Júlia dando uma gargalhada nervosa.

- Não! Eu nunca brinco em trabalho! - Responde o advogado com um ar ofendido.

- Só podem estar todos a gozar comigo! Venho conhecer a casa dos meus avós, a pensar que vivia aqui a senhora que comprou a casa ao meu pai e ao meu tio, e aparece-me um homem a dizer que conhece a minha família, e que a casa agora é da minha tia. Vou com ele até à esplanada, para que me conte mais sobre todos e ele dá-me as chaves da casa e diz que a minha tia a comprou para me oferecer. Depois de ver a casa, regresso à esplanada para lhe devolver as chaves e dizem-me que o homem nunca lá esteve e ainda gozam comigo. Agora o senhor aparece-me aqui à porta, a dizer que é advogado da minha tia e que foi o empregado da esplanada, que deve achar que eu sou louca, que lhe telefonou a dizer que eu estava aqui! O que quer que pense? Todos sabem tudo sobre mim e eu não sei nada sobre vocês! - Diz Júlia nervosa e desconfiada.

- Mas quem é que lhe deu as chaves? Só eu é que tenho as chaves da casa! - Pergunta o advogado surpreendido.

- Já lhe disse que foi o homem que estava aqui quando cheguei. Um senhor velhinho, todo vestido de branco e que caminha com a ajuda de uma bengala. - Responde Júlia um pouco

agressiva.

- Isso eu percebi, mas pela sua descrição não o conheço. Como é que ele se chama?

- Ele disse que se chama António, mas que todos o conhecem por Toni!

- Nunca ouvi falar nesse nome! Talvez a sua tia o conheça, mas acho estranho que ela não me tenha avisado que deu as chaves a outra pessoa! A Júlia ainda tem as chaves na sua posse?

- Tenho! - Responde Júlia tirando as chaves do bolso do casaco.

- Importa-se de abrir o portão?

- Era isso que estava a fazer quando chegou, para ter a certeza que não estou a ter alucinações. - Responde Júlia enquanto coloca a chave na fechadura.

- Abriu! - Diz o homem estupefacto.

- Eu sabia que não tinha sonhado! Vou usar a outra chave e ver se consigo abrir a porta principal.

Enquanto o advogado fecha o portão e olha atentamente para perceber se a fechadura não foi forçada, Júlia dirige-se para a entrada principal da casa e mais uma vez abre a porta.

- Parece que afinal não é o único a ter as chaves de casa! - Diz Júlia em tom provocador.

- Eu tenho que telefonar à sua tia! - Diz ele nervoso.

O advogado pega no telemóvel e faz uma chamada para Chiara. Nervoso, começa a caminhar de um lado para o outro no jardim, enquanto Júlia espera por ele à porta de casa. A determinada altura, Júlia vê que ele está exaltado e a levantar a voz, mas rapidamente muda de atitude e volta cabisbaixo.

- Menina Júlia, desculpe a demora!

- Então, já esclareceu tudo com a minha tia? - Pergunta Júlia curiosa em saber o que se estava a passar.

- Penso que sim! A sua tia afinal deu a chave a esse senhor para ele cuidar do jardim e esqueceu-se de me avisar! Ela pediu, para antes de viajar para Londres, ir até ao meu escritório que ela quer falar consigo por video chamada e explicar-lhe tudo! - Diz o advogado visivelmente incomodado com tudo o que estava a acontecer.

- E porque é que ela não fala comigo agora? Ela nem sabe se eu vou voltar para Londres! - Pergunta Júlia indignada.

- Isso vai ter que perguntar à sua tia! Eu só cumpro ordens!

- A minha vontade é ignora-vos aos dois! Estou a ficar cansada de tanto mistério. - Diz Júlia já sem paciência e a querer ver-se livre do homem.

- Não faça isso menina Júlia! Quando conhecer a sua tia vai entender que ela tem uma maneira muito peculiar de ser e de viver. - Diz o advogado tentando apelar a Júlia que tenha um pouco mais de paciência.

- Pois, já percebi que sim! Mas transmita à minha tia que estou a ficar incomodada.

- Sim, eu vou transmitir. Os meus contactos estão no cartão que lhe dei. Telefone-me quando quiser.

- E o que faço com as chaves? - Pergunta Júlia sem saber se podia ficar com elas e voltar a casa do avós.

- A sua tia diz que as chaves são suas e que pode usá-las sempre que quiser. Também disse que pode vir viver para aqui se o desejar, mas o meu conselho é que fale com ela antes de tomar uma decisão.

- Porquê? Ela vai exigir algo em troca? - Pergunta Júlia desconfiada.

- Fale com ela! É um conselho que lhe dou! - Diz o homem voltando as costas e dirigindo-se para o portão.

O sol já estava a pôr-se, mas Júlia está determinada a abrir novamente toda a casa, à procura de algo que lhe revele mais informações sobre o seu passado. Estranhamente, a anterior proprietária e a sua tia, parecia terem deixado tudo intacto! Júlia imagina que Toni, ou talvez outra pessoa que conhecia Chiara, a deve ter avisado que a casa tinha sido vendida e que nessa altura ela deve ser feito a proposta de compra, antes da outra senhora se mudar. Decide abrir todas as gavetas e portas dos armários que encontra, em busca de documentos ou fotografias. Depois de verificar o piso inferior da casa e não encontrar nada, sobe as escadas e vai até aos quartos. Já tinha visto os armários e gavetas de três quartos e estavam todos vazios, só faltava ver o quarto dos avós. Abre todas as gavetas e portas que encontra e nada. Senta-se na cama, frustrada e angustiada, pela sua busca ter sido

em vão!

- Não acredito que deixaram tudo vazio, tem que existir alguma coisa que eu não estou a ver! Vocês podiam-me ajudar! - Diz Júlia olhando para a fotografia dos avós.

Nesse instante ela ouve um estrondo no piso de baixo e assusta-se a pensar que entrou alguém em casa. Desce silenciosamente as escadas e vê que a porta principal está fechada. Começa a ouvir um miar de gato e segue o som até ao escritório. Quando lá chega, vê um gato muito assustado sentado em cima de uma caixa de madeira em formato de livro!

- Não tenhas medo! - Diz Júlia aproximando-se do gato.

O gato assim que a vê aproximar-se, olha-a fixamente e logo a seguir, salta pela janela aberta e desaparece. Júlia aproxima-se da janela, para tenta ver para onde ele foi, mas ele desaparece rapidamente da sua vista. Decide fechar a janela e quando se prepara para sair, dá um pontapé na caixa de madeira que estava caída no chão e esta abre-se revelando o seu conteúdo.

- É um diário! - Diz Júlia em voz alta e pegando na caixa.

O diário é forrado em tecido e na capa está bordado "*Diário de Cecília*". Tinha a certeza que os avós tinham ouvido o seu pedido e aquela era a resposta. Júlia tenta abrir o diário, mas ele tem um pequeno cadeado e ela não encontra a chave para o abrir. Não ia conseguir ler o que lá estava escrito, a não ser que partisse o cadeado, por isso guarda-o na mochila e decide tentar abri-lo quando chegar a casa de Maria. Fecha de novo a casa dos avós, mas antes de sair para a rua, telefona a João e pede para que vá ter com ela.

- João, ficaste de passar em casa da Maria hoje, será que podes ir já para lá?

- Estás bem Júlia? Aconteceu alguma coisa?

- Eu depois explico-te.

- Está bem. Eu vou já para lá.